



ALAM SAID CARRION SULEIMAN

**SEGREDOS REVELADOS: COMO A MÍDIA TRATOU A
IMAGEM DO PAPA PIO XII APÓS O ANÚNCIO DA
ABERTURA DOS ARQUIVOS DO VATICANO**

Alam Said Carrion Suleiman

**SEGREDOS REVELADOS: COMO A MÍDIA TRATOU A IMAGEM DO
PAPA PIO XII APÓS O ANÚNCIO DA ABERTURA DOS ARQUIVOS DO
VATICANO**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao
Curso de Jornalismo, Área de Ciências Sociais,
da Universidade Franciscana - UFN, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Jornalismo

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carla Simone Torres

Alam Said Carrion Suleiman

**SEGREDOS REVELADOS: COMO A MÍDIA TRATOU A IMAGEM DO
PAPA PIO XII APÓS O ANÚNCIO DA ABERTURA DOS ARQUIVOS DO
VATICANO**

Trabalho final de graduação apresentado ao Curso de Jornalismo – Área de Comunicação Social da Universidade Franciscana, como requisito parcial para obtenção do grau de Jornalista – Bacharel em Jornalismo

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr^a. Carla Simone Doyle Torres (Orientadora – UFN)

Prof^a. Dr^a Rosana Cabral Zuccolo (UFN)

Dr^a Ana Cássia Pandolfo Flores da Rosa

Aprovado em __/__/____

Agradecimentos

Há alguns anos eu estava trocando o certo pelo duvidoso, saindo de uma faculdade de exatas para me aventurar no jornalismo. Em um primeiro momento eu apenas queria fazer as cadeiras que poderia aproveitar para cursar Publicidade e Propaganda. Mas em uma aula de Metodologia Científica, no primeiro semestre, ministrada - coincidentemente ou pela providência divina - pela professora que hoje me orienta nesta pesquisa, pude perceber que esta era a profissão que eu queria para minha vida. Eu acreditava que ter recomeçado tudo do zero aos 23 anos me deixava para trás dos demais, porém pude notar que estava no lugar certo e no momento certo.

Portanto, agradeço a Deus, por ser o princípio e o fim de todas as minhas ações, que me guiou até aqui, me deu forças e capacidade para suportar todas as dificuldades da minha vida. Agradeço a Deus pela minha família, pelos meus amigos e, principalmente, por em um 2020 tão complicado ter me conservado com saúde, assim como meus familiares. Se eu fosse escrever cada agradecimento ao meu criador por tudo que alcancei e, até mesmo pelos momentos difíceis, usaria certamente todas as páginas deste trabalho.

Agradeço a minha esposa, Ticyane Carrion, por ter sido minha grande incentivadora durante esses anos. Não foram poucas as vezes que pensei em desistir, não foram poucas as vezes que me questioneei, no entanto, ela esteve ali para me empurrar para frente e não me deixar regredir.

A meus pais, Rita e Abdallah. Talvez o que eu mais tenha me cobrado ao longo dos últimos anos era o fato de não ter apresentado um resultado diante de todos os esforços que eles fizeram ao longo da minha vida. Este trabalho é o resultado de uma equipe, pois foi dessa forma que vi meus pais: dois grandes treinadores. Cada um com sua forma, mas sempre me indicando o caminho para chegar a vitória. Eu espero poder enchê-los de orgulho ou, pelo menos, que possam ter a sensação de missão cumprida.

A meus avós e bisavós: Guilherme, Tânia, Gládis, Maria e Adílio (in memoriam). Vocês podem não ter um diploma de academia em mãos, mas, certamente, são graduados como minhas grandes inspirações. Se em minha vida eu conseguir ser um pouquinho do que vocês foram, certamente me sentirei um vitorioso!

A minha professora e orientadora, Carla Torres. Sou grato, principalmente, pelas primeiras aulas, ainda em 2017, de Metodologia Científica. Lembro-me que já naquela época eu disse que seria minha orientadora e, realmente, o foste. Além da relação professor e aluno, ainda podemos ter a relação de colegas de trabalho na Rádio Web UFN e, claro, de amizade vida afora. Sou muito grato por todas as conversas, orientações e risadas. - ***Solimar!***

A todos os mestres que tive durante essa caminhada na UFN. Cada ensinamento é único e nenhum de nós chegaria a lugar algum se não houvesse um mestre para ensinar!

Aos meus amigos. Aos que estiveram comigo durante 23 anos e permanecerão, Franco, Gustavo, Rafael, Said e Diogo. Aos que fiz na estrada da vida, em especial Jonathas, Vinicius, Eduarda, Julia, Luana Valadão, Luana Cechella, Fernanda e Maria Paula. Vocês todos me fizeram ser um Alun melhor ao longo do tempo.

E aos amigos que fiz durante esses 4 anos frequentando a Universidade Franciscana: Gabriele Bordin, minha dupla do primeiro ao último semestre e os amigos do grupo mais raiz do meu WhatsApp: Léo Machado, Lorenzo Seixas, Guilherme Superti, Wander Schlottfeldt e João Martins. A vocês agradeço pela amizade, pelos “futs” e, principalmente, pelas risadas. Tudo isso sem usar “bots”. Vocês vão longe, meus amigos!

Agradeço a Virgem Maria, meu sustento, minha esperança, minha mãe. A quem sempre recorri a intercessão e a quem dedico todos os meus méritos. Totus Tuus.

*Dicebat ergo Iesus ad eos, qui
crediderunt ei, Iudaeos:
“ Si vos manseritis in sermone
meo, vere discipuli mei estis
et cognoscetis veritatem, et
veritas liberabit vos”.*

Resumo

Este trabalho monográfico se propõe analisar as reportagens: *Vaticano abre arquivos de Pio 12, papa acusado de omissão durante Holocausto*, publicada no dia 02 de março de 2020 no portal da Folha de S. Paulo; *Arquivos do papa Pio XII, acusado de ser conivente com nazismo, são abertos aos pesquisadores*, publicada no portal G1 do grupo Globo, também no dia 02 de março de 2020; e a manchete *Abertura de arquivo secreto do Papa Pio XII deverá esclarecer posição diante do Holocausto*, publicada pelo jornal O Globo, no dia 27 de fevereiro de 2020. O objetivo é identificar como a mídia retrata a imagem do Sumo Pontífice da Igreja Católica durante o nazismo e como essa imagem é tratada hoje, verificando se há ligação das reportagens com a obra *O Papa de Hitler* de John Cornwell e como ela está presente nos discursos construídos pelos jornalistas. As questões que norteiam este trabalho de pesquisa é entender qual o papel da mídia na construção da imagem/personalidade de Pio XII? E qual o discurso utilizado nas reportagens sobre a abertura dos arquivos secretos do Vaticano no período do Nazismo?

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo, Papa Pio XII, O Papa de Hitler, Igreja Católica, Nazismo, análise de conteúdo.

Abstract

This monographic work aims to analyze the journalistic reports: *Vatican opens archives of Pio XII, pope accused of omission during the Holocaust*, published on March 2, 2020 on the Folha de S. Paulo portal; *Archives of Pope Pio XII, accused of being conniving with Nazism, are open to researchers*, published on the Globo group's G1 portal, also on March 2, 2020; and the headline *Opening of Pope Pio XII's secret archive should clarify his position in the face of the Holocaust*, published by the newspaper O Globo, on February 27, 2020. The objective is to identify how the media portrays the image of the Supreme Pontiff of the Catholic Church during Nazism and how this image is treated today, checking if there is a link between the reports and John Cornwell's work called *The Hitler's Pope* and how it is present in speeches constructed by journalists. The questions that guide this research work is to understand what is the role of the media in the construction of the image / personality of Pio XII? And what discourse was used in the reports on the opening of the Vatican's secret archives during the Nazism period?

KEY WORDS

Journalism, Pope Pio XII, Hitler's Pope, Catholic Church, Nazism, content analysis.

Lista de Figuras:

Figura 01: Corpo da reportagem do site Folha de S.Paulo.....	26
Figura 02: Corpo da reportagem site G1.....	27
Figura 03: Corpo da reportagem O Globo.....	28
Figura 04: Parágrafo 1 da reportagem Folha de S.Paulo.....	29
Figura 05: Parágrafo 13 da reportagem da Folha de S. Paulo.....	29
Figura 06: Parágrafo 1 da reportagem do G1.....	30
Figura 07: Manchete reportagem O Globo	31
Figura 08: Parágrafo 1 reportagem O Globo.....	32
Figura 09: Parágrafo 2 reportagem O Globo.....	33
Figura 10: Parágrafos 3 e 4 reportagem O Globo.....	34
Figura 11: Parágrafo 5 reportagem O Globo.....	35
Figura 12: Parágrafo 6 reportagem O Globo.....	36
Figura 13: Parágrafos 7 e 8 reportagem O Globo.....	38
Figura 14: Parágrafo 9 reportagem O Globo.....	39
Figura 15: Parágrafo 10 e 11 reportagem O Globo.....	39
Figura 16: Parágrafo 12 reportagem O Globo.....	40
Figura 17: Parágrafo 13 reportagem o Globo.....	40
Figura 18: Parágrafo 14 reportagem o Globo.....	41
Figura 19: Parágrafo 15 reportagem o Globo.....	42
Figura 20: Parágrafos 16, 17 e 18 reportagem o Globo.....	45

Sumário

Introdução	11
Referencial Teórico	14
2.1 Igreja Católica	14
2.2 Eugenio Pacelli: O Papa	16
2.3 Midiatização	19
2.3.1 Mídia e Igreja Católica	19
3. Metodologia	22
3.1 Pré Análise	25
3.2 Exploração do material	25
3.3 Inferências e interpretações	28
3.3.1 As reportagens da Folha de S. Paulo e portal G1	28
3.3.2 A reportagem do jornal O Globo	30
4. Conclusão	46
5. Referências Bibliográficas	49

1. Introdução

Em 2020, um tema que, ao longo das décadas, tornou-se polêmico envolvendo a estrutura da Igreja Católica Apostólica Romana, voltou a ganhar as manchetes dos mais renomados jornais do mundo. Em fevereiro de 2020, o Papa Francisco ordenou que fossem abertos os arquivos do Vaticano que consistiam no período do papado de Eugênio Pacelli, que tomou o nome de Pio XII, este acusado – desde o fim da II Guerra Mundial – de ser conivente com o nazismo.

O pontificado de Pio XII durou cerca de 19 anos. Desse período, pelo menos sete anos foram marcados enfrentamento ao Nazismo e suas consequências, em especial na Itália, onde o papa abriu as portas de conventos e, inclusive, do Vaticano para abrigar judeus refugiados.

Mais de 200 pesquisadores tiveram acesso às salas de estudo do Vaticano onde estão examinando milhares de documentos e terão, em um futuro nem tão distante, seu parecer a respeito de um assunto tão controverso que ganhou muita força com o lançamento do livro “O papa de Hitler – A história secreta de Pio XII” lançado em 1999 pelo jornalista e escritor inglês John Cornwell. O escritor, que em 2004 se retratou por alguns pontos de sua obra em um artigo intitulado *For God's Sake* publicado na revista *The Economist*, conta a carreira de Eugenio Pacelli e faz denúncias a respeito de um suposto silêncio de Pio XII diante do regime nazista.

Em contrapartida, historiadores e jornalistas também lançaram livros que desmentem a estória contada por Cornwell, como o caso do livro “O Papa contra Hitler” escrito pelo pesquisador e expert em espionagem Mark Riebling, que traz provas documentais da guerra de espionagem comandada por Pio XII contra Adolf Hitler e o nazismo. Não obstante, o jornalista Gordon Thomas, em 2012, publicou o livro “Os judeus do Papa” que conta com documentos e entrevistas primárias de judeus que foram salvos dos ataques nazistas sendo escondidos nos porões do Vaticano ou por operações comandadas por Pio XII para evitar que

os judeus, em especial os que viviam em Roma, fossem capturados e levados para os campos de concentração nazista.

Diante desses casos e controvérsias, ao ser anunciado por Francisco que os arquivos do Vaticano seriam abertos, diversos meios de comunicação passaram a noticiar o fato, cada um tendo uma abordagem diferente quanto a figura do Papa Pio XII. Em vista disso o presente trabalho tem como objetivos compreender a abordagem feita pela mídia diante da notícia da abertura, como que ela foi recebida pelos veículos midiáticos e como a imagem de Pio XII foi tratada, sendo necessário identificar as reportagens publicadas no período de 27 de fevereiro a 3 de março de 2020, analisar os elementos utilizados na construção de cada manchete e narrativa e, por fim, identificar nas reportagens escolhidas, as ligações com a imagem criada pela obra de John Cornwell sobre Pio XII, os estereótipos, adjetivos ou acusações utilizadas para a construção das reportagens,

Por isso, o objeto deste estudo são as seguintes reportagens: *Vaticano abre arquivos de Pio 12, papa acusado de omissão durante Holocausto*, publicada no dia 02 de março de 2020 no portal da Folha de S. Paulo; *Arquivos do papa Pio XII, acusado de ser conivente com nazismo, são abertos aos pesquisadores*, publicada no portal G1 do grupo Globo, também no dia 02 de março de 2020; e a manchete *Abertura de arquivo secreto do Papa Pio XII deverá esclarecer posição diante do Holocausto*, publicada pelo jornal O Globo, no dia 27 de fevereiro de 2020. Por meio da Análise de Conteúdo, buscaremos compreender como foi construído o discurso midiático nestes veículos de comunicação. Também buscaremos compreender qual a maneira que Eugenio Pacelli é retratado nas manchetes e no corpo das notícias, buscando encontrar os elementos narrativos empregados na construção dessas notícias, quais as fontes históricas utilizadas para a construção da imagem do Papa e como a Igreja Católica se comporta diante dos meios de comunicação.

Trazendo as questões controversas, já citadas anteriormente, mas sendo necessário salientar as diversas construções narrativas e históricas acerca de um pontificado tão conturbado, são identificados os problemas que necessitam de soluções e em vista disso surgem questões como “Qual o papel da mídia na construção da imagem/personalidade de Pio

XII?” “Qual o discurso utilizado nas reportagens sobre a abertura dos arquivos secretos do Vaticano no período do Nazismo?” .

O tema foi escolhido por uma série de fatores. Primeiramente o gosto pessoal pela história da Igreja e por ter um apreço especial por temas controversos. Posteriormente a questão das abordagens midiáticas, pois é necessário saber o contexto em que matérias e livros foram escritos, o que os motivou - principalmente no que tange às pesadas críticas a Pio XII -, se haviam nas acusações elementos factíveis para tal, em especial quanto a acusação do mesmo ter se tornado o “Papa de Hitler”. É necessário entender como esse processo de construção da personalidade midiática de Pacelli ao longo da história, chegou nos jornalistas e editoriais atuais.

É necessário entender como é retratado hoje um Papa que morreu há cerca de 62 anos e enfrentou durante seu pontificado diversas crises políticas e humanitárias, desde o Nazismo até o início da Guerra Fria. É preciso compreender quais são os elementos utilizados para criar determinadas narrativas, sejam elas favoráveis ou desfavoráveis à imagem do mesmo.

Há poucos trabalhos que abordam este tema, no entanto cabe aqui ressaltar a pesquisa feita por André de Oliveira Pereira , acerca das ações de Pio XII pondo em choque duas obras a respeito, como “O Papa de Hitler” de John Cornwell e “Os Judeus do Papa” escrito pelo jornalista Gordon Thomas e em vista disso e da, já comentada, abertura dos arquivos do Vaticano, se faz necessário uma análise de como a mídia trabalha a imagem de Pio XII e da Igreja Católica neste início de século XXI.

2. Referencial Teórico

Para compor o referencial teórico foi necessário analisar o Estado da Arte no Brasil no que tange ao campo da midiatização. Foi procurado nos anais de eventos como o Intercom e Compós e também revistas que abordam as Ciências Humanas e Comunicacionais. Autores como Antônio Fausto Neto, Viviane Borelli, Jairo Ferreira e José Luiz Braga norteiam o campo de pesquisa acerca da midiatização para este trabalho.

Já na literatura acerca da Igreja Católica e biográfica de Eugênio Pacelli a presente pesquisa buscou entrar na resposta através das obras literárias, tanto históricas como jornalísticas, para ajudar na construção do pensamento e/ou conceitos sobre os objetos deste trabalho.

2.1 Igreja Católica

A Igreja Católica é talvez uma das instituições mais importantes e relevantes da história da humanidade. Tem seu início por volta do ano 30 d.C quando Jesus Cristo diz a Pedro “tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja” (BÍBLIA, Mateus 16,18) . Dali em diante alguns fatos históricos marcantes passaram a acontecer, desde a crucificação de Jesus Cristo até às constantes perseguições sofridas pelos primeiros cristãos sob o mando do Imperador Nero (54 - 58 d.C).

E, conforme eles pereciam, zombarias eram acrescidas, tanto que, cobertos com peles de animais selvagens, eles morriam devido às mutilações que os cães lhes infligiam, ou, fixados a cruces, eram queimados, e no cair da noite eram usados para a iluminação noturna. Nero forneceu seus jardins para o espetáculo e ofereceu jogos circenses misturando-se com a plebe disfarçado de condutor de carro de guerra ou em sua própria biga. (TACITUS, Annals, XV, 44).

A Igreja foi chamada católica desde o princípio. Inácio, bispo de Antioquia, escreveu em meados do ano 107, que “onde está o Cristo Jesus está a Igreja Católica”.

Os cristãos deixaram de ser perseguidos pelos romanos por volta do ano 313 ao ser assinado o Edito de Milão, sob a ordem do imperador Constantino que deu a liberdade de culto àqueles que outrora eram mortos por não prestarem culto ao Imperador. Posteriormente, no dia 28 de fevereiro de 385, o imperador Teodósio, conhecido como “o senhor do Oriente”, assinou o Edito de Tessalônica transformando o Cristianismo na religião oficial do Império. “Todos os nossos povos devem aderir à fé transmitida aos romanos pelos Apóstolos Pedro, àquela que

professa o pontífice Dâmaso e o bispo Pedro de Alexandria; isto é, devem reconhecer a Santa Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (ROPS, 1960, p.509)

A Igreja deixa de ser perseguida, para se tornar o expoente do poder, algo que permaneceu por séculos. Diversos erros aconteceram, diversas pessoas usaram da Igreja e de sua influência para obter poder. Ao passo em que, durante a Idade Média, a Igreja Católica investiu na construção e abertura de universidades, apoio a ciência, tendo diversos de seus monges como expoentes científicos, também sofreu por lideranças negativas que perseguiram pessoas, houve os casos do Tribunal do Santo Ofício e as Cruzadas, bem como padres que vendiam as indulgências, ou seja vendiam não o perdão dos pecados, mas a limpeza das penas temporais - o que a Igreja chama de purgatório, estado que a alma se encontra para se purificar antes de ir para o céu -, o que serviu de estopim da Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero.

Tais controvérsias fazem com que, atualmente, segundo o historiador formado na Universidade de Harvard e PhD pela Columbia University, Thomas Woods Jr seja fácil esquecer tudo que a civilização - em especial a ocidental - deve à Igreja Católica (WOODS JR. 2008).

Para o nosso estudante do ensino médio, a história do catolicismo pode ser resumida em três palavras: ignorância, repressão e estagnação; ninguém fez o menor esforço por mostrar-lhe que a civilização ocidental deve à Igreja o sistema universitário, as ciências, os hospitais e a previdência, o direito internacional, inúmeros princípios básicos do sistema jurídico, etc. (WOODS JR., 2008, p.5)

Por atravessar séculos a Igreja esteve diretamente envolvida em diversos casos complexos e controversos, como o que norteia este estudo que foi a II Guerra Mundial. Mas não somente isso, passaram pelos olhos da Igreja e, também por seu corpo, fatos como a Revolução Francesa, onde milhares de sacerdotes e religiosas foram mortos, bem como o comunismo stalinista, as guerras civis, em especial a espanhola e a mexicana que dizimaram milhares de católicos.

Atualmente a Igreja Católica não está limitada somente ao templo religioso, mas em todo um contexto social. Segundo dados da Agência Fides, divulgados em 2016 (http://www.fides.org/pt/news/61026-VATICANO_Estatisticas_da_Igreja_catolica_2016) a Igreja Católica mantém no mundo 73.580 escolas maternas, frequentadas por 7.043.634 crianças; 96.283 escolas de ensino fundamental com 33.516.860 alunos; 46.339 institutos de

educação secundária, com 19.760.924 estudantes. Acompanha ainda 2.477.636 alunos de escolas superiores e 2.719.643 estudantes universitários. A Igreja Católica também mantém obras caritativas, que resultam nos seguintes números: 5.158 hospitais, sendo a maioria na América (1.501) e na África (1.221); 16.523 postos de saúde, grande parte deles na África (5.230), América (4.667) e Ásia (3.584); 612 leprosários distribuídos principalmente na Ásia (313) e África (174); 15.679 casas para idosos, doentes crônicos e pessoas com deficiência, em maioria na Europa (8.304) e América (3.726); 9.492 orfanatos, a maioria na Ásia (3.859); 12.637 jardins de infância, e o maior número deles está na Ásia (3.422) e América (3.477); 14.576 consultórios matrimoniais, a maioria na Europa (5.670) e América (5.634); 3.782 centros de educação ou reeducação social e 37.601 instituições de outros tipos.

2.2 Eugenio Pacelli: O Papa

Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli desde criança nutria o desejo de ser padre. O fato de ter sido criado em uma família católica fez com que esse anseio crescesse ao longo do tempo, inclusive sua família tinha uma grande relação com a Cúria Romana. Segundo John Cornwell, o pai de Eugenio, Filippo Pacelli, foi advogado da Congregação da Sagrada Rota ou Tribunal Papal; seu avô, Marcantonio Pacelli, foi ministro das finanças dos Estados Papais e também como atuou como advogado da Sagrada Rota durante o pontificado de Pio IX, se transformando um de seus principais colaboradores (CORNWELL, 2000, p.22).

Pacelli iniciou seus estudos para ser ordenado padre na Universidade Gregoriana, passou pela Universidade de Letras de Paris. Ao terminar os estudos de teologia, recebeu o título de Doutor em Filosofia e Teologia. Foi ordenado sacerdote com apenas 23 anos, em 1899 (MELO, 1974). Ainda obteve, em 1902, o título de Doutor em Direito Civil e Canônico. Assumiu diversos cargos importantes dentro do Vaticano, tendo a confiança dos Papas aos quais conheceu, em especial seu antecessor Pio XI, sendo seu secretário de Estado e o acompanhando até seu leito de morte e tornando-se o responsável por preparar os ritos do funeral do então falecido Papa Pio XI e por coordenar o Conclave que elegeria o novo papa, como aponta Gordo Thomas (2013)

logo após a morte do homem idoso na cama, Papa Pio XI, Pacelli se tornara a figura mais importante de todo mundo católico. Ele era agora camerlengo, um posto que combinava o papel do tesoureiro do Vaticano com o de chefe de gabinete da Santa Sé (THOMAS 2013, p.19)

O final do papado de Pio XI aconteceu em meio a ascensão do Nazismo e do antissemitismo e foi exatamente essa a herança que Eugenio Pacelli recebeu ao ser escolhido papa na votação do conclave, às 17 horas do dia 2 de março - coincidentemente a data de seu aniversário - de 1939.

Sendo eleito papa, Eugenio Pacelli, enfrentou já no seu primeiro ano de pontificado o início da Segunda Grande Guerra Mundial, iniciado em 1º de setembro de 1939, portanto ele precisava traçar estratégias para a Igreja e também para a questão judaica naquele tempo. Ainda em 1939, escreveu a Encíclica *Summi Pontificatus* denunciando os erros daquele tempo

A época atual, veneráveis irmãos, acrescentando novos erros aos desvios doutrinários do passado, levou-os a extremos dos quais se não podia originar senão desorientamento e ruína. E antes de tudo, é certo que a raiz profunda e última dos males que deploramos na sociedade moderna é a negação e repulsa de uma norma de moralidade universal (PIO XII, 1939)

A encíclica ganhou destaque internacional, sendo manchete no jornal norte-americana *The New York Times*, na edição de 28 de outubro de 1939, com as seguintes palavras: “Papa condena ditadores, violadores de tratados e o racismo”, já a agência *Jewish Telegraphic Agency* relatou que “a condenação irrestrita feita pelo Papa Pio XII às teorias de governo totalitárias, racistas e materialistas, em sua encíclica *Summi Pontificatus*, provocou profunda comoção”

No entanto, qualquer decisão tomada por Pio XII teria consequências de grandes proporções. Segundo a pesquisadora Paula Henn (2018) “o papa viu-se mergulhado em um contexto de ambiguidade em que necessitava tomar uma posição”, o que tornou a vida de Pacelli em uma tensão sem fim. Segundo Riebling (2018), ao final da guerra, Pacelli, que media mais de 1,80 metro de altura, estava com apenas 57 quilos.

No entanto, o fato de Pio XII ter permanecido publicamente em silêncio não significa que sua atuação nos chamados “bastidores” tenha sido silenciosa, pelo contrário. Em seu livro chamado “O Papa contra Hitler”, o pesquisador Mark Riebling (2018) ressalta o fato de que Pio XII, ainda quando secretário de estado do Vaticano em 1937, ou seja, ainda como Cardeal Pacelli, já havia tecido críticas duras ao nazismo. Segundo ele, “o texto mais crítico dizia que ‘o nacional-socialismo tinha planejado a perseguição à Igreja desde o início’ (RIEBLING, 2018) e afirmou ainda que Adolf Hitler desejava paz com a Igreja, mas que após essas palavras contidas na encíclica *Com ardente preocupação* e “cortou relações com as autoridades da Igreja quase que completamente desde então“ (RIEBLING, 2018). Voltando

ainda mais no tempo, ainda quando núncio apostólico na Alemanha, se pronunciou quarenta e quatro vezes, sendo quarenta delas denunciando os aspectos da ideologia nazista. “Em 1935, ele escreveu uma carta aberta ao bispo de Colônia descrevendo Hitler como “um falso profeta de Lúcifer (...) Hitler ordenou que a imprensa nazista o cunhasse como “um amante dos judeus dentro do Vaticano” (THOMAS, 2013, p. 22)

Pio XII agia de modo secreto, mantendo conversas com informantes infiltrados no partido nazista, havia uma conspiração para matar o ditador alemão. Porém, “se Hitler soubesse do papel de Pio XII, poderia punir os católicos, invadir o Vaticano e até sequestrar ou matar o papa” (RIEBLING, 2018, p.97), inclusive existiam boatos na época de que Heinrich Himmler, uma das principais figuras do nazismo e braço direito de Hitler, esperava executar Pio XII na inauguração de um estádio de futebol.

Além disso, segundo o Rabino e historiador, David G. Dalin, Eugenio Pacelli foi reconhecido universalmente ao final da Segunda Guerra Mundial e durante muitos anos depois por figuras ilustres e grandes líderes judeus

incluindo o ganhador do prêmio Nobel, o físico Albert Einstein; Chai Weizmann, que seria nomeado primeiro presidente de Israel; os primeiros ministros Golda Meir e Moshe Sharett; o rabino Isaac Herzog, grande rabino de Israel; e o doutor Alexander Safran, grande rabino da România. Figuras públicas judias sinalizaram sempre com orgulho a atividade de Pio XII em defesa dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial (DALIN, 2005 p.22)

Para Gordon Thomas (2013), Eugênio Pacelli/Pio XII, foi vítima de uma “fake history”, ou trazendo para os termos mais atuais, Pio XII foi vítima das “fake news”, e para sustentar este argumento Thomas afirma que

pode-se constatar que a verdade está deturpada e enterrada em meio a um lamaçal de mentiras, deixando os registros históricos distorcidos. Fatos foram deixados de lado, pesquisas de fontes primárias foram rejeitadas e argumentos sobre a necessidade de interpretações equilibradas foram simplesmente ignorados. Pio havia se tornado mais uma vítima da verdade forjada (THOMAS, 2013, p. 21)

2.3 Mdiatização

As sociedades, ao longo da história, evoluem em diversos âmbitos na medida em que a tecnologia também avança. Tais avanços, que geralmente tinham sua origem em tempos de

guerra - no caso da tecnologia principalmente -, trouxeram para o cidadão novas formas de comunicação, dando a ele novos meios de se comunicar, se informar e se posicionar. E, em vista disso, se chega ao conceito de midiatização.

O pesquisador Antônio Fausto Neto afirma que “a convergência de fatores sócio-tecnológicos [...] produziu, sobretudo nas três últimas décadas, profundas e complexas alterações na constituição societária” (FAUSTO NETO, 2008). Segundo Viviane Borelli (2010), por conta desta convergência passou a existir uma “nova lógica produtiva”, dando à mídia o papel central no processo de interação entre os campos sociais. José Luiz Braga, afirma que “não se pode considerar ‘a mídia’ como um corpo estranho na sociedade. Com a midiatização crescente dos processos sociais em geral, o que ocorre agora é a constatação de uma aceleração e diversificação de modos pelos quais a sociedade interage com a sociedade” (BRAGA, 2012, p.32).

Não obstante a isso, a midiatização também gera contratos de leitura, pois, segundo Viviane Borelli (2010), às constantes mudanças no modo de agir, causadas pela midiatização, principalmente no campo cultural e social, onde estão situadas a Igreja Católica e as demais igrejas cristãs. “Nesse processo de midiatização da sociedade, a mídia acaba afetando o modo de ser e de agir dos demais campos sociais” (BORELLI, 2010, p.4)

2.3.1 Mídia e Igreja Católica

Ao longo do tempo é possível perceber que a relação da Igreja Católica com a mídia nunca foi previsível ou tranquila. Houveram diversos momentos de tensão durante a história e de qual era a relevância da Igreja Católica no contexto político-social da época. Joana Terezinha Puntel é uma das pesquisadoras brasileiras acerca deste tema. Puntel (2005) afirma que a Igreja católica teve muitas dificuldades em lidar com a mídia e também em reconhecer os valores positivos nos meios de comunicação. No entanto essa relação foi começando a mudar gradativamente, segundo ela, já no período compreendido entre 1878 e 1939 “a Igreja mostrou alguma flexibilidade em relação à imprensa e às novas tecnologias de comunicação” (PUNTEL 2005, p.4).

Outro ponto a salientar é que o Papa Pio XII - já referido no 5.1 - foi um dos maiores incentivadores da reflexão acerca dos meios de comunicação, fazendo diversos pronunciamentos via rádio no tempo de guerra.

Convencido pela influência dos meios de comunicação de massa e por seu grande significado, Pio XII escreveu a proeminente encíclica *Miranda Prorsus* (segunda encíclica sobre a comunicação no séc. XX-1957), sobre comunicação, destacando o cinema, o rádio e a televisão. (PUNTEL 2005, p.5)

Segundo Puntel (2005) houve cinco períodos ou fases da relação da Igreja Católica com os meios de comunicação. A primeira fase no século XV, em meio aos eventos relacionados ao Tribunal do Santo Ofício (Inquisição), quando surgiram a imprensa e os primeiros casos de censura. A segunda fase acontece, segundo a autora, no século XIX e início do século XX e é tratada como uma “aceitação desconfiada dos novos meios”. (PUNTEL, 2005, p. 130).

Estes novos meios, estão em evidência, tanto nos meios tradicionais como televisão, rádio, jornais e livros, com o advento das redes sociais a Igreja como instituição marca presença, bem como os católicos em geral. Para isso basta lançar olhos ao trabalho da Igreja ao tratar a imagem do Papa Francisco, que diariamente escreve uma mensagem na rede social *Twitter*. Os canais ditos de “inspiração católica” estão presentes na televisão aberta há décadas, com a expoente Rede Vida, passando pela Canção Nova e, mais recentemente, a TV Pai Eterno. Estes canais contam com a veiculação de programas católicos durante o dia todo. Estes programas têm diversos gêneros que vão desde o entretenimento até a informação jornalística.

No entanto, além da relação da Igreja Católica com a mídia tradicional, podemos, e devemos, abordar a relação da mídia com a Igreja e as religiões em geral na produção da notícia e de possíveis narrativas. Quando se trata de noticiar algum fato relacionado à Igreja, é comum perceber narrativas completamente diferentes ou, em alguns casos, muito similares, trocando apenas alguns adjetivos. Há, na produção da notícia, uma espécie de seletividade da figura. No caso desta pesquisa, a figura é Pio XII que, como já citado, passa por este processo de seletividade, principalmente a respeito da sua imagem, geralmente usada como a ponta de um iceberg bastante profundo. “Ao mesmo tempo em que a figura tem uma profundidade, um aquém a que se refere, ela é um relevo: promover uma imagem ou uma informação é destacar

do real uma superfície, um simulacro que vêm à frente com relação a um fundo sem imagem.”
(MOUILLAND, 2002, p.37)

3. Metodologia

Quando se trata da história de uma personalidade, principalmente por estar envolta em duas grandes circunstâncias, como foi com Eugênio Pacelli, diversas narrativas são criadas por seus apoiadores e seus opositores, mas não apenas à pessoa de Pacelli, mas a quem ele representava. Ao ser eleito Sumo Pontífice da Igreja Católica, ele deixava de ser conhecido como “apenas” um cardeal ou bispo, mas para se tornar uma das mais influentes personalidades do mundo, representante máximo de uma das mais antigas instituições do planeta.

É natural que, ao envolver uma grande personalidade, uma grande instituição e uma situação caótica, como foi a II Guerra Mundial, haja um antagonismo histórico. Muitos historiadores se dividiram após a morte do Papa Pio XII, o que gerou um imenso ponto de interrogação a respeito de sua atuação durante o período da Guerra e sobre quais foram seus posicionamentos ante o holocausto judeu.

Passados 62 anos de sua morte, a vida de Pio XII ainda é tema de diversas discussões na mídia e, até mesmo, entre os próprios católicos, pois na ala radical tradicionalista católica há fiéis que afirmam ter sido Pacelli o último papa antes da “modernização da Igreja”, o que - para eles - a transformou em uma seita e que a Sé, ou seja, a cadeira papal, está vacante. Esses fiéis não aceitam as mudanças promovidas na Igreja Católica após o papado de João XXIII, que deu início ao polêmico Concílio do Vaticano II. Portanto, é de se ressaltar a importância de lançar olhos à vida de Pio XII e compreender o que tão importante figura histórica representa para a sociedade atual nas manchetes dos jornais.

A abertura dos arquivos do pontificado de Pio XII pelo Vaticano levantou, mais uma vez, a questão de se Pacelli teria sido omissos ou, até mesmo, conivente com o Nazismo. Diversas manchetes foram feitas, novas narrativas foram criadas para motivar os debates. Diante disso, alguns problemas passam a circundar a temática, principalmente em relação ao papel da mídia na construção da imagem de Eugenio Pacelli, a exemplo de como sua personalidade e sua imagem são trabalhadas no meio jornalístico atual. Se faz necessário compreender qual o discurso utilizado nas manchetes jornalísticas ao abordar a abertura dos arquivos do Vaticano, auxiliar na percepção do papel da mídia na construção da imagem de Eugenio Pacelli, em especial a mídia tradicional atual, e, por consequência, analisar o conteúdo das reportagens escolhidas para entender o discurso ou a narrativa utilizada pelas

editorias escolhidas, sobre a abertura dos arquivos secretos do Vaticano. Tais problemas, quando elucidados, facilitarão a compreensão de qual fonte narrativa cada editoria escolheu usar, desde as acusações de Cornwell até Riebling que afirma, categoricamente, que Pio XII travou uma verdadeira batalha nos bastidores contra Adolf Hitler.

E, justamente, por conta de tais manchetes, foi necessário lançar olhos às reportagens de diferentes grupos de comunicação e, conseqüentemente, diferentes editorias, para compreender como tais narrativas são trabalhadas em termos de conteúdo para abordar tão controversa figura.

Após pesquisa exploratória, em que se encontrou desde 2019 - com o primeiro anúncio da abertura dos arquivos do Vaticano para a pesquisa de historiadores - até o início do ano de 2020 - período da abertura dos arquivos -, diversas reportagens sobre Eugenio Pacelli. Foram escolhidas três matérias de diferentes veículos de comunicação com relevância no país. Como exemplo, temos a matéria da Folha de S. Paulo, cuja manchete aborda a possível omissão de Pio XII. O título é “*Vaticano abre arquivos de Pio 12, papa acusado de omissão durante Holocausto*”, e já nas primeiras linhas do lead, reafirma-se a acusação de “omissão” imputada a Eugenio Pacelli.

Sabendo os pontos controversos que circundam a temática, é necessário que se traga para dentro do percurso metodológico as questões que norteiam o presente trabalho. Em vista disso, foi escolhida como técnica a ser aplicada a Análise de Conteúdo (AC), para que se possa analisar e “destacar os traços característicos do estilo de um autor” (FONSECA, 2005, p.281) para, enfim, compreender qual seu posicionamento ou o posicionamento editorial, ainda que de forma quase imperceptível, a respeito de Pio XII.

A Análise de Conteúdo existe para que se possa compreender não apenas a mensagem que o emissor tenta passar, mas com auxílio desta técnica é possível constatar determinadas tendências do autor do texto ou da construção do mesmo.

É preciso compreender quais tipos de discurso foram utilizados pelos jornais que publicaram as manchetes, como, por exemplo, o *GI*, que, ao se referir a Pio XII, recorda a acusação do mesmo ser “conivente com o nazismo”, em dissonância com a manchete do jornal *O Globo*, pertencente ao mesmo grupo, ao afirmar que a abertura dos documentos deverá esclarecer a posição do pontífice diante do holocausto judeu. Tais exemplos dialogam com a técnica escolhida, já que a Análise de Conteúdo, segundo Fonseca, foi, outrora, usada

pelos americanos em plena Segunda Guerra Mundial para “desmascarar periódicos e agências de notícias suspeitos de propaganda subversiva” (FONSECA, 2005, p.283) e agora servirá de base para a compreensão do pesquisador diante das formas que os meios tradicionais de comunicação tratam a relação do Sumo Pontífice, Pio XII, com o nazismo de Adolf Hitler, responsável por exterminar milhões de judeus na Europa. Trata-se de um assunto complexo e, na maioria das vezes, polêmico, pois depende da narrativa histórica escolhida pelo jornalista para iniciar a reportagem e essa tomada de decisão incide no pensamento político e/ou social do mesmo.

A Análise de Conteúdo foi escolhida para nortear a metodologia deste trabalho, pois, segundo Fonseca (2005), no âmbito da comunicação de massa, esta técnica de pesquisa se ocupa, principalmente, com a análise de mensagens, tendo alguns marcos de referência como os dados, o contexto que os dá origem, o conhecimento do pesquisador, os objetivos da pesquisa, a interferência e a validade.

Para analisar de forma coerente e desapaixonada pela parte do pesquisador, são delimitadas etapas para o processo da análise do conteúdo, partindo da proposta de Laurence Bardin, que estruturou, em sua concepção, quatro etapas, são elas: A organização da análise; A codificação; A categorização e o tratamento informático. Oriundo dessa visão, o percurso metodológico escolhido na análise de conteúdo são as etapas definidas por Silva e Fossá (2015) que compreendem as seguintes fases: pré análise, exploração do material e, por fim, o tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

3.1 Pré Análise

Na fase de pré-análise, como já citado anteriormente, foi feita uma pesquisa exploratória onde foram definidos 3 objetos de pesquisa que são as seguintes reportagens: *Vaticano abre arquivos de Pio 12, papa acusado de omissão durante Holocausto*, publicada no dia 02 de março de 2020 no portal da Folha de S. Paulo; *Arquivos do papa Pio XII, acusado de ser conivente com nazismo, são abertos aos pesquisadores*, publicada no portal G1 do grupo Globo, também no dia 02 de março de 2020; e a manchete *Abertura de arquivo secreto do Papa Pio XII deverá esclarecer posição diante do Holocausto*, publicada pelo jornal O Globo, no dia 27 de fevereiro de 2020.

O critério utilizado para a escolha desses veículos de comunicação foi a abrangência, a credibilidade construída ao longo do tempo e, principalmente, o alcance de suas publicações. A Folha de S. Paulo é um dos jornais de maior circulação do país, assim como o O Globo. Seus portais recebem milhões de acessos, assim como o portal G1 de notícias.

3.2 Exploração do material

Por se tratar de matérias para veículos online, as reportagens são mais diretas e objetivas. Existe uma coincidência entre as três matérias, a reportagem do G1 tem 17 parágrafos e as do jornal O Globo e Folha de S. Paulo, possuem 18.

No entanto, vale ressaltar a diferença de tamanho entre os parágrafos. As reportagens do G1 e Folha de S. Paulo possuem diversos parágrafos, porém são pequenos blocos (figuras 1 e 2).

FIGURA 1

"Para milhões de pessoas, católicas e judias, esses arquivos são de enorme interesse humanitário", explica Suzanne Brown-Fleming, diretora de programas internacionais do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, que inicia nesta segunda uma exploração de três meses nos documentos.

Ao decidir, há um ano, abrir os cobiçados arquivos, o papa Francisco afirmou que "a Igreja não tem medo da história".

A transparência foi simbolizada alguns dias atrás com câmeras no bunker dos arquivos do Vaticano —até recentemente chamados de "arquivos secretos"—, que abrigam 85 km de prateleiras, incluindo uma seção dedicada ao pontificado de Pio 12, protegida por grades.

Na ocasião, o responsável pelos arquivos, monsenhor Sergio Pagano, exibiu documentos que cheiravam a pó, como desenhos e cartas de crianças alemãs agradecendo ao papa em 1948 pelos presentes dados pela primeira comunhão.

Também foram abertos pela primeira vez os arquivos do longo período pós-guerra, principalmente os relativos à censura de escritores e padres próximos do comunismo.

Para o período do Holocausto, o Vaticano publicou o que considerava essencial há 40 anos, em 11 volumes. Mas faltam peças, principalmente as respostas do papa a seus correspondentes e visitantes.

FIGURA 2

The image shows a screenshot of a news article from the website globo.com. The page has a red header with the 'G1' logo and the word 'MUNDO'. The article title is 'Papa Francisco abriu os arquivos'. The text discusses the opening of the Vatican's secret archives, mentioning the presence of cameras and the fact that the archives are 85 km long. It also mentions that the archives were opened for the first time since the post-war period, specifically regarding the censorship of writers and fathers of communism. A highlighted quote states: 'Para a fase polêmica do Holocausto, o Vaticano publicou o que considerava essencial há 40 anos, em 11 volumes. Mas faltam peças, principalmente as respostas do papa a seus correspondentes e visitantes.' The article continues with a paragraph about historians trying to understand the Pope's personality and another paragraph about the Pope's silence during the Holocaust.

globo.com | g1 | ge | gshow | videos

ALAM CARRION

MUNDO

Q BUSCAR

Papa Francisco abriu os arquivos

"A Igreja não tem medo da História", afirmou o papa Francisco ao decidir há um ano abrir os cobiçados arquivos.

Uma transparência simbolizada alguns dias atrás pela presença de câmeras no bunker dos arquivos centrais do Vaticano - até recentemente chamados de "arquivos secretos" - abrigando 85 km de prateleiras, incluindo uma seção dedicada ao pontificado de Pio XII, protegida por grades trancadas.

Na ocasião, o responsável pelos arquivos, monsenhor Sergio Pagano, exibiu alguns documentos que cheiravam a pó. Por exemplo, desenhos e cartas de crianças alemãs agradecendo ao papa em 1948 por seus presentes por ocasião de sua primeira comunhão.

"Homem do passado"

Também foram abertos pela primeira vez os arquivos do longo período pós-guerra, principalmente os relativos à **censura de escritores e padres próximos do comunismo**.

Para a fase polêmica do Holocausto, o Vaticano publicou o que considerava essencial há 40 anos, em 11 volumes. Mas faltam peças, principalmente as respostas do papa a seus correspondentes e visitantes.

Historiadores de todo o mundo tentarão entender melhor a personalidade desse papa italiano cauteloso e de língua alemã (foi núncio apostólico na Alemanha por 12 anos), **confinado atrás dos muros do Vaticano durante a Segunda Guerra Mundial pelos nazistas, depois pelos fascistas italianos**.

Considerado culpado por seus detratores por seu silêncio público sobre o extermínio dos judeus nos campos de concentração, apoiado por seus admiradores que afirmam que a Igreja escondeu pelo menos 4.000 judeus romanos e protegeu os católicos europeus, essas posições antípodas podem se aproximar? Isso é improvável, dizem os historiadores entrevistados pela AFP.

Já a matéria de Lucas Ferraz, publicada no O Globo, possui a mesma quantidade de parágrafos, porém os blocos de textos são maiores (figura 1).

FIGURA 3

Canonização se arrasta

Há historiadores e sobretudo religiosos que consideram haver um exagero no julgamento de Pio XII, palavra já usada por Francisco ao falar sobre o antecessor. O monsenhor Sergio Pagano, prefeito do Arquivo Apostólico, comentou com jornalistas que surgirão “muitos documentos” sobre o auxílio do Papa aos judeus. No passado, o Vaticano informou que Pio XII atuou silenciosamente nos bastidores para não piorar a situação. Muitos conventos católicos (em Roma e em outras cidades europeias) abrigaram judeus que escapavam da perseguição nazifascista.

O rabino Riccardo Shemuel Di Segni, da Comunidade Hebraica de Roma, ressalta que não se conhece — até agora — prova ou documento de que Pio XII agiu diretamente para salvar os judeus. Ele menciona um episódio em particular para ilustrar a sua omissão. No dia 16 de outubro de 1943, quando Roma estava sob ocupação nazista, houve uma grande operação na cidade contra os judeus: 1.024 pessoas foram presas e levadas para campos de concentração — apenas 16 sobreviveram. Antes da deportação, elas ficaram detidas num colégio militar que ficava a 700 metros do Vaticano.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

COMPRE AQUI

L'ORÉAL

PUBLICIDADE

— Pacelli não disse absolutamente nada a respeito, e isso acontecia ao lado da casa dele. Ele sabia o que estava acontecendo, mas preferiu não fazer nada para mudar o destino dos capturados — afirma o rabino Di Segni.

Referenciado por católicos conservadores e candidato a santo (seu processo tramita lentamente desde a década de 1960), Pio XII deve continuar no centro de uma luta pela memória, prevê Alberto Melloni.

Ele conta que Pacelli se “parece terrivelmente” com tantos outros católicos que ignoraram o Holocausto porque “acreditavam não ter nada a ver com aquilo”. Considerado excessivamente diplomático, o Papa preferiu deixar a Igreja longe do conflito. Melloni lembra que os arquivos

3.3 Inferências e interpretações

3.3.1 As reportagens da Folha de S. Paulo e portal G1

No dia 02 de março de 2020, o portal da Folha de S. Paulo publicou a referida matéria, escrita pela jornalista Catherine Marciano. Que já no lead (figura 4) reforça a acusação de omissão diante do holocausto judeu promovido pelo regime nazista, imputada a Pio XII, no

decorrer da matéria são trazidas fontes e discursos de autoridade para explicar a importância da abertura dos “arquivos secretos” e, também, do seu valor humanitário.

FIGURA 4

Catherine Marciano

CIDADE DO VATICANO | AFP Historiadores começaram, nesta segunda-feira (2), a investigar os arquivos do pontificado de Pio 12 (1939-1958), acusado de omissão durante o extermínio de seis milhões de judeus no Holocausto.

Outro ponto a ressaltar da matéria é o trecho em que a jornalista cita aqueles que lembram o fato de Pio XII ter escondido judeus em propriedades da Igreja (figura 5) como “admiradores”, bem como trata aqueles que são contrários ao “silêncio do papa” como “detratores”.

FIGURA 5

Considerado culpado por seus detratores por seu silêncio público sobre o extermínio dos judeus nos campos de concentração, mas apoiado por seus admiradores que afirmam que a Igreja escondeu pelo menos 4.000 judeus romanos e protegeu os católicos europeus, Pio 12 terá suas posições escrutinadas.

Também no dia 02 de março de 2020, o portal G1, publicou a matéria “*Arquivos do papa Pio XII, acusado de ser conivente com nazismo, são abertos aos pesquisadores*”. O conteúdo presente na matéria é bastante similar ao da matéria publicada na Folha de S.Paulo,

no entanto algumas diferenças em sua construção acentuam algumas marcas. Enquanto a Folha de S.Paulo usa a acusação de omissão, o G1 aborda a questão do silêncio de Pio XII durante o extermínio judeu, destacando a acusação com o uso do estilo *bold* no texto (figura 6).

FIGURA 6

Os historiadores começaram, nesta segunda-feira (2), a investigar os arquivos do pontificado do papa Pio XII (1930-1958), **acusado de permanecer calado durante o extermínio de seis milhões de judeus.**

Ambas as matérias foram produzidas pela mesma jornalista, portanto as fontes são iguais, no entanto a maneira de tratar e/ou adjetivar Pio XII e suas ações têm diferenças, talvez a principal delas na manchete. Enquanto a Folha fala de omissão, o G1 trata como “conivência”. Essas trocas de adjetivos são bastante marcantes para a posição das editorias, no entanto cabe ressaltar que a matéria escrita por Catherine Marciano, traz para a discussão dois pontos antagônicos de historiadores e foca, estritamente no factual e isenta, diferente da matéria que será analisada a seguir, onde é possível notar o posicionamento pessoal do jornalista, marcado por palavras fortes e por escolhas de fontes históricas.

3.3.2 A reportagem do jornal O Globo

Já a terceira, e última, matéria é a mais completa. Foi publicada pelo jornal O Globo e escrita pelo jornalista Lucas Ferraz. A matéria é recheada de informações históricas e detalha bem qual o tipo de narrativa é escolhido pelo autor, no entanto o mesmo traz fontes como argumentos de autoridade, a exemplo do historiador Alberto Melloni, especialista em história

do cristianismo. Em certos trechos isso fica bem evidente, não só pelas citações, como por algumas escolhas de palavras e intervenções no texto.

A manchete (figura 7) dá a entender que a matéria não faria tanto uso das adjetivações , como as duas reportagens anteriores.

FIGURA 7

Abertura de arquivo secreto do Papa Pio XII deverá esclarecer posição diante do Holocausto

Depoimentos podem trazer informações tanto sobre acusação de omissão em relação ao nazismo, quanto relato de que Igreja protegeu os judeus

No lead (figura 8), Ferraz, trata - assim como nós - o período do pontificado de Pio XII como "controverso". Além da alegação de que Pio XII é cobrado por “estudiosos” desde sua morte, em 1958, e também afirma que o período da guerra é uma “sombra” no período do pontífice, colocando uma visão pessoal de acordo com as suas próprias fontes históricas, que serão mostradas ao longo da reportagem.

FIGURA 8

ROMA — O Vaticano abre no próximo dia 2 de março o arquivo secreto daquele que é considerado o período mais controverso da História recente da Igreja Católica, o pontificado do italiano Eugenio Pacelli, o Papa Pio XII. Alvo de polêmicas dentro e fora da Igreja e cobrado por estudiosos há mais de cinco décadas, o arquivo compreende os anos de 1939 a 1958, o que coincide com a Segunda Guerra Mundial, evento que permanece como uma sombra no legado do pontífice. O italiano foi o segundo papa mais longevo do século XX, atrás do polonês João Paulo II (1978-2005).



No segundo parágrafo (figura 9) de seu texto jornalístico, o repórter traz sua primeira fonte como um argumento de autoridade. Trata-se do já citado, Alberto Melloni, pesquisador da história do cristianismo, denotando um critério importante para a escolha de fontes, por conta da sua especialidade e familiaridade com o tema, no entanto o mesmo tem um histórico de contestações à Pio XII, o que veremos adiante. Para Melloni, a abertura dos documentos irá derrubar o que ele chama de “duas caricaturas” da história, negando o argumento de Cornwell de que Pacelli seria o “Papa de Hitler”, mas também negando aquilo que muitos judeus e o jornalista e pesquisador Gordon Thomas documentam sobre a ajuda do Sumo Pontífice ao povo judeu.

FIGURA 9

Para um dos especialistas em História do cristianismo, Alberto Melloni, a abertura da documentação deve derrubar duas caricaturas que se consolidaram ao longo do tempo: a que considera, de um lado, Pio XII como o “Papa de Hitler” por sua omissão durante o Holocausto, e, de outro, a que sustenta sua ajuda para salvar centenas de judeus, narrativa iniciada no pós-guerra.

No terceiro (figura 10) e quarto parágrafo, o jornalista se atém ao factual, ou seja, a abertura dos arquivos secretos do Vaticano para que pesquisadores possam examinar os documentos referentes ao pontificado de Pio XII, trazendo uma forte fala do - até a data desta pesquisa - atual papa da Igreja Católica, Jorge Mario Bergoglio (Papa Francisco), de que a Igreja “não tem medo da história”. Ainda neste parágrafo, Ferraz, traz mais uma fonte, desta vez para dar o serviço a respeito da abertura e para fazer referência a troca do nome de “Arquivo Secreto” para “Arquivo Apostólico do Vaticano”

FIGURA 10

A liberação do arquivo foi [anunciada pelo Papa Francisco](#) em março passado, quando a eleição de Pacelli completou 80 anos. À época, o argentino disse que a Igreja “não deveria ter medo da História”. Não há regras na Santa Sé para a desclassificação de documentos históricos, sempre decidida pelo Santo Padre.

Estarão disponíveis aos pesquisadores cerca de 20 mil fascículos, entre eles telegramas da Secretaria de Estado (que cuida da diplomacia vaticana) e de outros órgãos internos, representando o maior volume já liberado pela Igreja. Cada um desses fascículos pode conter centenas de documentos, explicou o cardeal português José Tolentino de Mendonça, responsável pelo Arquivo Apostólico do Vaticano — que até outubro passado era conhecido como Arquivo Secreto, nome alterado por decisão do Papa.

No quinto parágrafo (figura 11) da matéria, há um ponto que chama atenção: a tentativa de imputar a Adolf Hitler a condição de católico. Na interpretação deste pesquisador, esta é uma clara tentativa de depreciar a instituição Igreja Católica, bem como seus fiéis, ao associar tão horrendo personagem da história à fé da Igreja Católica. Esta tentativa fica clara com o uso dos parênteses, onde o jornalista ao falar de Adolf Hitler afirma, de forma clara, que o ditador alemão “era católico”, o que é de uma incoerência abissal, visto que toda pessoa pode se declarar católica ou não, mas, ao se tratar de fé, a auto intitulação não representa nada, visto que a fé é vista nas obras de cada ser humano. Portanto, seria mais coerente o autor afirmar que Hitler “se dizia católico”, não que o era, ainda que batizado por sua mãe na infância. Este tipo de estratégia discursiva, tenta de forma clara e irresponsável, relacionar Hitler não só a Pio XII, mas à instituição, o que não confere nem com a historiografia. Segundo documentos encontrados na Alemanha, pela Pave the Way Foundation, há relatos que provam que os bispos alemães haviam excomungado o Partido Nazista. Ou seja, toda e qualquer pessoa que estivesse em ligação com o partido, não poderia receber os sacramentos pela Igreja.

FIGURA 11

Acordo com Hitler

Eleito em 1939, meses antes de estourar o conflito na Europa, Pio XII foi acusado de omissão durante a guerra e de ajudar na consolidação do poder de Adolf Hitler (que era católico). Nascido em Roma, Pacelli foi uma das figuras mais influentes no Vaticano na primeira metade do século XX. Núncio apostólico (equivalente a embaixador) na Alemanha nos anos 1920, quando Hitler despontou nacionalmente, ele assumiu em 1930 a Secretaria de Estado da Igreja.

Além disso, o contexto onde foi empregada esta frase - a de que Hitler era católico - denota, como já citado, uma possível ligação entre Hitler e Eugenio Pacelli, pois, segundo o

jornalista - já no sexto parágrafo do texto - Pacelli ajudou na consolidação do poder de Adolf Hitler. A aproximação de Pacelli a Hitler se dava por conta de uma única agenda em comum: o anticomunismo, no entanto o rompimento entre o, naquele momento Secretário de Estado do Vaticano e o ditador alemão, foi rápido, porém este fato é omitido na matéria, pois o jornalista ignora fontes como as de Mark Riebling, que em seu livro *O Papa contra Hitler* afirma que houve tensões entre Hitler e Pacelli, ainda quando Eugenio era apenas o núncio apostólico na Alemanha e protestou contra o ditador após a concordata assinada por ambos, mas que ao passar do tempo

Hitler considerou a concordata um obstáculo. Pacelli bombardeou Berlim com 55 notas protestando contra o rompimento do acordo. Ficou claro, como um oficial SS afirmou, que “seria absurdo acusar Pacelli de ser a favor dos nazistas” (RIEBLING, 2018, p. 18)

No entanto, este não é o ponto central do parágrafo. O fato mais importante deste bloco de texto (figura 12) é que Ferraz mostra que sua fonte mais “confiável” é John Cornwell, autor do best seller, *O Papa de Hitler*. O jornalista traz inúmeros fatos que maculam a imagem de Pio XII, e não traz nenhum argumento antagônico ao de Cornwell. Isto fica claro ao final deste parágrafo que, sem fazer alusão a nenhuma fonte, afirma - além da acusação de Pacelli ter ajudado na consolidação nazismo - que ao assinar o acordo, já era “escancarada” a perseguição judaica. Em nenhum momento foi citado pelo jornalista o fato de Pacelli ser odiado pelos nazistas. Mark Riebling traz documentos que confirmam o ódio de figuras importantes do nazismo à Pio XII

Como Joseph Goebbels, ministro da Propaganda, registrou: “4 de março de 1939 (sábado). Ao meio-dia, com o Führer. Ele está considerando se devemos revogar a concordata com Roma devido à eleição de Pacelli como papa. Sem dúvida, isso acontecerá quando Pacelli realizar seu primeiro ato hostil.” (RIEBLING, 2018, p.20)

FIGURA 12

Em 1933, ele assinou um pacto com o regime nazista que protegia os direitos de associações católicas alemãs, o que foi considerado — como sustentam historiadores como o inglês John Cornwell, autor do best-seller “O Papa de Hitler” — fundamental para consolidar o totalitarismo na Alemanha. O acordo foi fechado quando o governo da Alemanha já escancarava a perseguição aos judeus e a esterilização compulsória de deficientes.

Ferraz trouxe também uma fonte ligada ao judaísmo para reafirmar a tese de que Pio XII havia feito vista grossa para a causa judaica naquele tempo (figura 13). No entanto, o jornalista não faz menção em nenhuma parte de seu texto sobre as informações trazidas por Thomas Gordon no livro “*Os Judeus do Papa*”, que, inclusive, trazem fontes primárias como Ugo Foa, presidente da comunidade judaica de Roma, um dos braços direitos de Pio XII na tentativa de salvar judeus em Roma. Outro fato, não citado na reportagem foi que

No dia 20 de novembro de 1945, o papa recebeu em audiência, oitenta representantes libertados de vários campos de concentração do Terceiro Reich, que foram vê-lo para agradecer por sua ajuda em salvar a vida de judeus. Ele lhes disse que tinha certeza de que haviam permanecido firmes em seu senso de humanidade e se agarrado a seus valores em meio às circunstâncias cruéis sob as quais estavam presos, naquele mundo de trevas e desespero (THOMAS 2013, p. 423 - 429)

Bem como Golda Meir, que em 1958 - ano da morte de Pio XII - ocupava o cargo de ministra das Relações Exteriores do Estado de Israel, ao saber do falecimento de Pacelli proferiu um forte discurso:

quando o martírio horrendo assolou nosso povo durante a década de terror nazista, as palavras do Papa Pio XII foram proferidas em favor das vítimas. A vida em nossa época foi enriquecida por uma voz que se pronunciava com grandes verdades morais, acima do tumulto dos conflitos diários. Estamos de luto por esse notável servo da paz. (THOMAS, 2013, p.436)

O jornalista também não faz nenhuma menção ao rabino judeu David Dalin, autor do livro “O mito do Papa de Hitler: Como Pio XII salvou os judeus dos nazistas”. Dalin (2005) afirma que Pacelli foi um crítico persistente de Hitler e do nazismo. Na sua primeira encíclica *Summi Pontificatus* ele fazia coro pela paz, rechaçando ideias nazistas como o racismo e a limpeza étnica.

Entre os dilacerantes contrastes que dividem a família humana, possa este ato solene proclamar a todos os nossos filhos, esparsos pelo mundo, que o espírito, o ensino e a obra da Igreja nunca poderão ser diversos daquilo que pregava o Apóstolo das gentes: "E vos revestistes do homem novo, que se renova para o conhecimento segundo a imagem do seu Criador. Ai não há mais grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro; cita, escravo, livre, mas Cristo é tudo e em todos". (PIO XII, 1939)

A encíclica caiu como uma bomba em meio ao Terceiro Reich. Segundo Dalin (2005), Henrich Mueller, chefe da Gestapo, afirmava a seus pares que a encíclica estava dirigida exclusivamente contra a Alemanha e considerava a atuação de Pio XII como perigosa aos interesses alemães, tanto nas relações externas como nas internas. A inquietação que a falta dessas fontes causa ao pesquisador, é, justamente, pela escolha do jornalista não atender - pelo menos na concepção deste pesquisador - os critérios de isenção jornalística.

Outra questão que nasce, ainda sobre este parágrafo, é entender qual o motivo da escolha de Alberto Melloni como argumento de autoridade. Melloni que, na reportagem, afirma categoricamente que o Papa escolheu o silêncio sobre “o extermínio de judeus”, também foi responsável, em 2005, por um artigo infundado e sem bases acusando Eugenio Pacelli de dar ordens, por meio de um documento papal, para os bispos da França não devolverem crianças judias, que estavam sob a proteção da Igreja, aos pais. Este artigo foi parar em diversos jornais de grande circulação mundial como o *The New York Times*, com o título *Saving Jewish Children, but at What Cost?*(figura 13). Segundo Dalin (2005), havia contradições entre o artigo de Melloni e a verdade histórica, isto porque o suposto documento papal não era autêntico.

O artigo de Alberto Melloni, como sinalizou Robert J. Rychalk, “estava baseado em uma tradução deficitária (talvez uma fraude intencionada)”. O memorando é um documento “fabricado”, que definitivamente “não vem do Vaticano”. Este suposto documento papal “não estava assinado e os funcionários do Vaticano se deram conta imediatamente que as palavras empregadas não eram as usuais das diretivas enviadas pelo Vaticano. Além disso, o próprio fato da carta ter sido escrita em francês, não em italiano, era um fato suficiente para demonstrar que não era uma autêntica “instrução do Papa a seu núncio” (DALIN, 2005, p.143)

FIGURA 13

Um dos aspectos inquietantes do pontificado de Pio XII, anos mais tarde, foi seu silêncio diante do Holocausto.

— Não há dúvida de que o Papa escolheu o silêncio sobre o extermínio dos judeus. É fato que durante a guerra ele nunca pronunciou em público a palavra judeu. E que ele não deu curso à mudança que estava sendo gestada pelo antecessor de publicar uma encíclica contra o racismo. Mas nem por isso ele pode ser transformado em coautor do plano genocida — afirma Melloni.

Já no parágrafo 9 (figura 14), Ferraz, mesmo sem adjetivar a figura do pontífice, deixa transparecer o seu posicionamento a respeito, não só de Pio XII, como da Igreja Católica, acusando-a de “flerte” com regimes totalitaristas, ignorando o momento em que tais conversas ou tratativas se deram. Ferraz cita o livro, vencedor do prêmio Pulitzer de jornalismo, do pesquisador David Kertzer, *Mussolini e o Papa*. E ao final do parágrafo, afirma que o livro narra como Pio XII agiu para barrar a publicação de uma encíclica contra o racismo e o “nazifascismo”. No entanto, mais uma vez, o jornalista não dá voz ao contraditório, quando ele poderia citar a famosa encíclica *Mit brennender Sorge*(Com ardente preocupação) - que fazia sérias acusações ao nazismo - escrita por Pio XI com ajuda do cardeal Pacelli. A encíclica

acusava o Estado alemão de tramar para exterminar a Igreja. As palavras mais duras, os analistas nazistas observaram, vinham dos protestos de Pacelli: “ódio”, “maquinações”, “lutas até a morte”. Com essas palavras, Hartl pensou, Pacelli “convocou o mundo todo para lutar contra o Reich”. (RIEBLING, 2018, p.18)

FIGURA 14

Na Igreja no século XX, não foi só Pio XII que flertou com um regime totalitário. Seu antecessor, [Pio XI, também referendou o poder fascista de Benito Mussolini](#) na Itália — eles chegaram ao poder no mesmo ano de 1922. Essa relação igualmente ambígua é descrita no livro “Mussolini e o Papa”, do pesquisador David Kertzer, professor de antropologia e de estudos italianos da Universidade de Brown, nos Estados Unidos. A obra — baseada nos arquivos de Pio XI abertos desde 2005 — descreve como Pacelli bloqueou a publicação de uma encíclica contra o racismo e a perseguição do nazifascismo preparada pelo antecessor pouco antes de morrer.

Nos parágrafos 10, 11 (figura 15) e 12 (figura 16), o autor traz mais informações a respeito da abertura dos arquivos do Vaticano e cita o interesse de diversos pesquisadores, inclusive do professor David Kertzer, que também serviu de fonte para Ferraz. O parágrafo 12 traz mais insinuações, baseadas nas palavras de Kertzer, sobre posicionamentos e pensamentos de Pacelli.

FIGURA 15

Kertzer é um dos cadastrados no Vaticano para pesquisar os arquivos de Pio XII já no dia 2 de março, prevendo inicialmente uma imersão de quatro meses na documentação relativa ao início da Segunda Guerra. Pesquisadores do Museu do Holocausto de Washington também estarão presentes.

O arquivo tem capacidade para receber até 60 pessoas por dia — a média é de 1.200 pesquisadores por ano, número que deve aumentar com a abertura dos novos papéis. Estudiosos e arquivistas da Santa Sé ressaltam que será necessário tempo até que se encontre alguma novidade.

FIGURA 16

O professor Kertzer diz que o interesse no pontificado de Pio XII não se resume ao conflito armado (1939-45), citando o período inicial da Guerra Fria, quando o pontífice era um dos principais críticos do comunismo. Pacelli temia que, com a queda do fascismo na Itália, o país fosse dominado por aliados da União Soviética. O então Papa também era contrário à criação do Estado de Israel.

No parágrafo 13 (figura 17), surpreendentemente, o jornalista traz uma fonte ligada à Igreja. Trata-se do Monsenhor Sergio Pagano, atual prefeito dos arquivos do Vaticano. Porém, pode-se notar uma diferença de tratamento do jornalista. O que anteriormente era dito sem aspas, tratando como verdadeiros os argumentos de Kertzer e Cornwell, ao se tratar das alegações que desmentem a narrativa antagônica a Pio XII, Ferraz faz uso de aspas. Isso fica claro quando cita indiretamente a fala de Pagano sobre os documentos que provariam a ajuda de Pio XII à causa judaica - ajuda esta reconhecida por diversas personalidades ligadas ao judaísmo -. Ferraz não menciona, por exemplo, o livro escrito pelo ex-diplomata israelense Pinchas Lapide que declarou em seu livro *Three Popes and The Jewes* (Três papas e os judeus) que sob o comando de Pio XII, a Igreja “foi fundamental para salvar pelo menos 700 mil, mas provavelmente 800 mil judeus da morte certa se caíssem nas mãos dos nazistas” (THOMAS, 2013, p.438).

Quando Ferraz informa que “no passado, o Vaticano informou que Pio XII atuou silenciosamente para não piorar a situação”, ele acerta, no entanto não é apenas uma informação do Vaticano, mas outras fontes comprovam isso, conforme conta Mark Riebling em seu livro *O Papa contra Hitler* sobre a decisão de Pio XII de ir ao combate a Hitler, ainda que em uma conspiração secreta.

A decisão surpreendeu seus assistentes e outros que tomaram conhecimento dela posteriormente. “Jamais em toda a história um papa tinha se engajado de modo tão delicado numa conspiração para derrubar um tirano pela força”, afirmou um historiador eclesiástico. Um oficial do serviço de informações americano chamaria o rápido consentimento do papa de agir como intermediário conspirativo de “um dos acontecimentos mais surpreendentes da história moderna do papado”. O padre Leiber considerou que Pio tinha ido “longe demais”. Os riscos, tanto para o papa quanto para a Igreja, se aproximavam da imprudência. Se Hitler soubesse do papel de Pio, poderia punir os católicos, Os riscos, tanto para o papa quanto para a Igreja, se aproximavam da imprudência. Se Hitler soubesse do papel de Pio, poderia

punir os católicos, até invadir o Vaticano, sequestrar ou até matar o papa (RIEBLING, 2018, p. 84-85)

Outro ponto que este pesquisador considera, no mínimo questionável, é o início do parágrafo, quando Ferraz usa a palavra sobretudo, para dar ênfase que historiadores que reconhecem as ações heróicas de Pio XII são minoria e a grande maioria dos defensores não passam de religiosos. Esse discurso entra em contraposição às diversas fontes não católicas que afirmam ter sido Pio XII um dos responsáveis diretos para que o número de judeus mortos pela perseguição nazista diminuísse. A articulação do discurso é pensada e cada palavra usada estrategicamente para que toda reportagem esteja de acordo com o background do jornalista.

FIGURA 17

Há historiadores e sobretudo religiosos que consideram haver um exagero no julgamento de Pio XII, palavra já usada por Francisco ao falar sobre o antecessor. O monsenhor Sergio Pagano, prefeito do Arquivo Apostólico, comentou com jornalistas que surgirão “muitos documentos” sobre o auxílio do Papa aos judeus. No passado, o Vaticano informou que Pio XII atuou silenciosamente nos bastidores para não piorar a situação. Muitos conventos católicos (em Roma e em outras cidades europeias) abrigaram judeus que escapavam da perseguição nazifascista.

No 14º (figura 18) e 15º (figura 19) parágrafos Ferraz traz como fonte e argumento de autoridade o Riccardo Shemuel Di Segni, que pertence à Comunidade Hebraica de Roma, que afirma não conhecer nenhum documento provando a ação direta de Pio XII para ajudar a comunidade judaica e, vai além, ao afirmar que Pio XII preferiu não fazer nada a respeito de um acontecimento no dia 16 de outubro de 1943, quando nazistas deportaram 1.024 pessoas. O fato curioso é que, mais uma vez, o jornalista traz como fonte um antagonista declarado ao pontífice, sendo que há rabinos que afirmam, como David Dalin - já citado nesta pesquisa - a ajuda direta de Pio XII aos judeus romanos. Dalin, escreveu em seu livro o seguinte relato, desconhecido ou ignorado por Ferraz

quando o assunto é o cerco aos judeus romanos ocorrido em outubro de 1943, a grande autoridade é o italiano Michael Tagliacozzo, estudioso do Holocausto que sobreviveu ao cerco e que hoje vive em Israel. As monografias dele sobre o assunto documentam o papel de Pio XII e do Vaticano, “enquanto 4238 judeus encontraram refúgio nos numerosos mosteiros e conventos de Roma” [...] Tagliacozzo diz que as ações de Pio XII foram decisivas para proteger 80% dos judeus romanos. Ele rejeita a noção (hoje em dia bastante comum entre os críticos de Pacelli) de que o Papa esteve ausente dos esforços de proteção (DALIN, 2005, p.73)

Ainda sobre Tagliacozzo, vale ressaltar que se trata de um estudioso que sobreviveu à perseguição nazista no ano de 1943 - ano da ocupação nazi em Roma - que, em entrevista recente, afirmou ter uma pasta em sua mesa chamada “Calúnias contra Pio XII”. Ele foi “resgatado da fome e da morte por assistentes de Pio XII, liderados pelo cardeal Pietro Palazzini” (DALIN, 2005, p.73).

Portanto, está posta uma contradição entre a fala de Segni e Tagliacozzo, citado por Dalin em seu livro. O autor da reportagem não faz nenhuma menção ao livro de Dalin ou as pesquisas de Tagliacozzo. Vale ressaltar que Ferraz cita livros em sua reportagem, no entanto - por coincidência ou não - ambos os livros de Cornwell e Kertzer, são de críticas a Eugenio Pacelli.

FIGURA 18

O rabino Riccardo Shemuel Di Segni, da Comunidade Hebraica de Roma, ressalta que não se conhece — até agora — prova ou documento de que Pio XII agiu diretamente para salvar os judeus. Ele menciona um episódio em particular para ilustrar a sua omissão. No dia 16 de outubro de 1943, quando Roma estava sob ocupação nazista, houve uma grande operação na cidade contra os judeus: 1.024 pessoas foram presas e levadas para campos de concentração — apenas 16 sobreviveram. Antes da deportação, elas ficaram detidas num colégio militar que ficava a 700 metros do Vaticano.

FIGURA 19

— Pacelli não disse absolutamente nada a respeito, e isso acontecia ao lado da casa dele. Ele sabia o que estava acontecendo, mas preferiu não fazer nada para mudar o destino dos capturados — afirma o rabino Di Segni.

Os últimos três parágrafos (figura 20) da reportagem, encerram aquilo que foi, na percepção deste pesquisador, um conjunto de ataques desproporcionais à imagem de Pio XII, sem haver sequer uma fonte historiográfica que contradiga a visão de Lucas Ferraz e suas fontes. No parágrafo 16, Ferraz afirma que Pio XII é referenciado por “católicos conservadores” e logo após faz referência a candidatura à canonização de Pacelli. Uma forma sutil de tratar a Igreja como reacionária e obscurantista, pois ao longo do texto inteiro Pio XII foi tratado como conivente e/ou omissos ao regime nazista.

Podemos perceber isso já no 17º parágrafo, quando Ferraz cita indiretamente a fala de Alberto Melloni - já citado nesta pesquisa como crítico de Pacelli - que atribui a “tantos outros católicos” e também a Pio XII, um descaso total com o holocausto judeu, o que não passa de uma falácia. Uma narrativa anticatólica e contrária ao que muitos judeus documentam e testemunham ao longo da história, pois, assim como a história de Tagliacozzo traz luz ao que a narrativa de Ferraz e Mellini obscureceu,

os diários de outras testemunhas contemporâneas documentam os esforços de resgate empreendidos por Pio XII e pelo Vaticano. O mesmo fazem as recém publicadas memórias de Adolf Eichmann, nas quais ele observa que o Vaticano “manifestou-se categoricamente contra a prisão de judeus, pedindo que tais ações fossem interrompidas”. No julgamento de Eichmann, ocorrido em Jerusalém, Gideon Hausner, advogado-geral de Israel, afirmou inequivocamente que o “papa intercedeu pessoalmente em favor dos judeus de Roma”. Documentos apresentados pela primeira vez no julgamento oferecem ainda mais evidências dos esforços papais para colocar um fim às prisões e deportações de judeus romanos” (DALIN, 2005, p. 74)

No 18º e último parágrafo, Ferraz coloca uma citação direta de Melloni, que soa ambígua, pois ao passo que ele afirma que a abertura dos arquivos do vaticano visa a entender o comportamento de Pio XII, e a seguir afirma que o papa falhou em sua tentativa de compreensão da guerra e do que aconteceu após a derrocada nazista.

FIGURA 20

Referenciado por católicos conservadores e candidato a santo (seu processo tramita lentamente desde a década de 1960), Pio XII deve continuar no centro de uma luta pela memória, prevê Alberto Melloni.

Ele conta que Pacelli se “parece terrivelmente” com tantos outros católicos que ignoraram o Holocausto porque “acreditavam não ter nada a ver com aquilo”. Considerado excessivamente diplomático, o Papa preferiu deixar a Igreja longe do conflito. Melloni lembra que os arquivos muitas vezes não guardam “confissões”, mas que eles certamente ajudarão no lento processo da “verdade histórica, que é muito diferente da verdade de um tribunal”.

— Interessa entender por que o Papa se comporta como tantos, e tantos se comportam como ele. Pio XII se revelou um diplomata que falhou em entender as tendências das décadas de 1920, 1930 e do pós-guerra” — disse.

Terminada a análise desta reportagem é possível perceber alguns fatores importantes, no qual pode se ressaltar a questão da escolha das fontes. De todas elas, apenas uma fez algum tipo de referência positiva a Eugenio Pacelli, ao passo que o discurso do próprio jornalista está em consonância com as outras fontes, todas elas antagonistas ao Papa Pio XII.

É perceptível, também, a forma que o jornalista enxerga Pacelli e a Igreja Católica. O texto vai além de uma notícia factual sobre a abertura dos arquivos secretos do Vaticano, mas se torna uma de disseminar uma propaganda negativa em relação à imagem de Eugenio Pacelli, omitindo diversas fontes que - como mostrado nesta pesquisa - mostram outra versão da atuação de Pio XII frente às atrocidades nazistas.

4. Conclusão

Em fevereiro deste ano, quando recebi a notícia de que o Papa Francisco abriria os documentos secretos do Vaticano, durante o período do pontificado do Papa Pio XII, para estudar como foi a ação de Eugenio Pacelli, algumas coisas passaram a me incomodar. Principalmente com a quantidade de adjetivos negativos usados pela grande mídia contra a imagem de Pio XII.

Me chama a atenção o fato de que a maioria dos jornais tratavam a figura do pontífice sempre com adjetivos similares, como “omisso”, “conivente”, “silencioso” etc. Eu, como católico e tendo apreço pelo tema da Segunda Guerra Mundial, desde o quinto ano do ensino fundamental, resolvi ler as fontes usadas pelos jornais, mas em minhas pesquisas fui descobrindo outras fontes, como Gordon Thomas, David Dalin e Mark Riebling.

Os livros desses três autores tinham algo em comum - além do discurso - nenhum dos três é assumidamente católico. David Dalin é um rabino judeu e pesquisador do Holocausto. Gordon Thomas, um jornalista investigativo que se debruçou em documentos e buscou ouvir fontes primárias do assunto. Mark Riebling é escritor e pesquisador de áreas como Inteligência Secreta, Guerras e Segurança Nacional. Ao ler estes três livros, que me apontaram para uma infinidade de documentos, passei a questionar o porquê dos discursos relacionados a Pio XII eram inflamados e recheados de adjetivações e inferências pessoais dos jornalistas.

Creio que esta pesquisa vai muito além de uma conclusão de curso, mas ela realmente nasceu do instinto de investigação da verdade e da apuração dos fatos. Ser católico pode ter sido o estopim inicial para que eu buscasse escrever algo relacionado à Igreja, no entanto ao ler sobre a vida de Eugenio Pacelli - que até pouco menos de um ano eu o conhecia apenas por ter proclamado o dogma da Assunção de Maria - percebi uma figura que foi vítima do que me atrevo a chamar de modificação da história ou de seleção da mesma.

Quando terminei de ler os livros que aqui citei, passei a ter a certeza que se tratava de um homem incompreendido e que fez tudo aquilo que esteve ao seu alcance para diminuir o prejuízo humanitário causado pelas atrocidades cometidas pelo Terceiro Reich.

Ao me deparar com as reportagens da Folha de S. Paulo e do G1, senti um pequeno desconforto, porém, apesar das adjetivações a repórter fixou-se no factual, trazendo a

informação principal que era a abertura dos arquivos e a importância histórica que esta pesquisa trará, tanto para a Igreja Católica, como para os judeus e para os historiadores.

No entanto, ao ler a reportagem escrita por Lucas Ferraz, pude perceber o quanto a isenção jornalística foi deixada de lado. Na ânsia de criticar Pio XII e a Igreja Católica - e aqui não me cabe fazer um juízo moral, pois não é o intuito da pesquisa - Ferraz não apurou os dois lados da história, fixou-se apenas no discurso de oposição.

O autor da reportagem veiculada no jornal O Globo cita historiadores e obras de opositores a Pio XII, como John Cornwell, o qual citei nesta pesquisa e cita David Kertzer, autor de um livro premiado, mas que, claramente é um crítico ao trabalho apostólico de Pio XII. No entanto, Ferraz deixa de citar - seja por omissão ou por desconhecimento - Gordon Thomas, jornalista que traz documentos e relatos de judeus que agradeceram o papa, inclusive Albert Einstein, bem como não faz nenhuma menção a obra de Mark Riebling que traz provas das tramas nazistas para sequestrar o papa, bem como do trabalho de Pio XII para lutar contra o nazismo internamente, tampouco do rabino judeu David Dalin, que em seu livro *O Mito do Papa de Hitler* traz inúmeras fontes primárias e fartas documentações sobre a ação de Pio XII na guerra.

Esta pesquisa não tem a pretensão de desqualificar nenhum jornalista, mas mostrar que, diversas vezes, seja por conta de uma preferência pessoal ou por desconhecimento, se escolhe uma fonte em detrimento de outra. E por isso considero ter alcançado os objetivos propostos.

Por meio das análises fica nítido que o discurso utilizado para construir a imagem de Pio XII é norteado por adjetivações e o uso de fontes antagônicas a ele. Por se tratar de uma figura controversa, com defensores e detratores, a falta de fontes que tragam outra versão da história, mostra que, nas três reportagens escolhidas, há uma similaridade na forma de tratamento da imagem de Pacelli: a de omissa e conivente.

Também é possível compreender o discurso utilizado, principalmente na reportagem escrita por Lucas Ferraz, publicada no site do jornal O Globo. Nela é possível compreender a narrativa escolhida, justamente pela falta de um outro olhar historiográfico, o que denota uma posição pessoal do jornalista. Na reportagem de Ferraz o factual fica em segundo plano, já que grande parte de seu empenho não está em noticiar a abertura e a importância do fato, mas, sim em montar uma imagem omissa e obscurantista, não apenas de Pio XII, mas da instituição

Igreja Católica. Sabemos que a imparcialidade não existe, pois cada jornalista escreve de acordo com seu *background*, no entanto, quando se fala dos critérios de isenção a referida matéria deixa a desejar.

Tenho plena ciência de que no cenário político-social atual do Brasil, a religião tem sido usada para fins eleitoreiros. Frases bíblicas como “conhecereis a verdade e a verdade vos fará livres” tornaram-se slogans de campanhas políticas que culminaram na verdadeira antítese da verdade, ou aquilo para os cristãos é conhecido como contra testemunho. No entanto, o uso das verdades religiosas para fins políticos, mesmo que os que usem estes slogans prestem um verdadeiro desserviço à população brasileira, não pode se tornar um pretexto para tentar desmontar a imagem de um homem que lutou arduamente contra um sistema perverso e assassino.

Portanto, ao longo do percurso metodológico escolhido, desde a escolha do corpus, as pré-análises, a exploração do material e as inferências, obtive sucesso na proposta desenvolvida de compreender a estratégia narrativa para abordar a figura de Eugenio Pacelli. Ficou evidente a forma que, sobretudo, Ferraz utilizou para se referir a Pio XII e a Igreja.

Meu maior desejo, ao finalizar esta monografia, é de provocar a reflexão aos jornalistas e futuros jornalistas. Mostrar que, além de preferências políticas ou religiosas, a profissão jornalista é a vocação da busca da verdade dos fatos. E ao tratar de um tema tão controverso da história moderna, era esperado que houvesse pelo menos o contraditório nas matérias escolhidas, o que, na visão deste pesquisador e pelas análises feitas, não houve.

Portanto, finalizo esperançoso que em um futuro próximo, a verdade ou pelo menos o direito ao contraditório sobre Pio XII ou qualquer outra figura, ganhe, realmente, espaço nos jornais. E que, então conhecedores da verdade dos fatos, possamos ser, verdadeiramente, livres para escolher a narrativa que iremos abraçar.

5. Referências Bibliográficas

- BORELLI, V. Mídiação, dispositivo e os novos contratos de leitura geram uma outra religião. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Santa Maria, v. 2010, p. 1-15, 2010
- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus Campos Sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JÚNIOR, Jelder; e JACKS, Nilda (orgs.). Mediação e Mídiação. Livro Compós 2012. Salvador: EDUFBA, p. 31-52, 2012
- CORNWELL, John. O Papa de Hitler – a história secreta de Pio XII. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- Cavalli, “Jewish Praise for Pius XII”, Inside the Vatican , out. 2000, 72-77; Osborne para Halifax, 3 nov. 1939, UKNA, FO 371/23791/37-39; Chadwick, Britain and the Vatican , 85; Graham, “Summi Pontificatus”, Civiltà Cattolica , out. 1984, 139-140.
- DALIN, David G. O Mito do Papa de Hitler: Como Pio XII protegeu os judeus do nazismo. Tradução de Diego Fagundes. São Paulo: Quadrante, 2019.
- MELO, Carlos Veloso de. Pio XII. (1876-1958). Rio de Janeiro: Três
- MOTTA, Luiz Gonzaga. In: MOUILLAND, Maurice; PORTO, Sergio (org.). O Jornal: da Forma ao Sentido - 2ª edição. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 2002.
- PUNTEL, Joana T. Cultura midiática e Igreja: uma nova ambiência. São Paulo: Paulinas, 2005.
- RIEBLING, Mark. O papa contra Hitler : a guerra secreta da Igreja contra o nazismo / Mark Riebling ; tradução de Carlos Szlak. – Rio de Janeiro : LeYa, 2018.
- ROPS, Henri Daniel. História da Igreja de Cristo I: A igreja dos apóstolos e dos mártires. Tradução de Eduardo Pinheiro. Porto: Livraria Tavares, 1960
- SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. Qualit@s Revista Eletrônica ISSN 1677 4280 Vol.17. No 1. 2015
- TACITUS. Annals. Texto estabelecido, traduzido e comentado por A. J. Woodman. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 2004.
- THOMAS, Gordon. Os judeus do Papa. Tradução: Marco Aurélio Schaumloffel. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- VERÓN, Eliseo. La comunicacion mediatica. In: Revista Diálogos de la Comunicación. N. 48, Lima: Felafacs, 1997.
- WOODS JR., Thomas E. Como a Igreja Católica construiu a civilização Ocidental. Tradução de Élcio Carillo; revisão de Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2008.
- _____. Inter Mirifica. Texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. Carta Encíclica Summi Pontificatus do sumo pontífice papa Pio XII. 1939a. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20101939_summi-pontificatus.html> . Acesso em: 02 mai. 2020.